

ÁFRICA: ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Benedito Souza Filho
entrevista
Hippolyte Brice Sogbossi

O professor Hippolyte Brice Sogbossi é oriundo do Benin e atualmente vive no Brasil. Possui graduação em Língua e Literaturas Hispânicas pela Universidad de La Habana (1992), doutorado em Ciências Filológicas (1996) pela mesma Universidade em Cuba. Possui mestrado (1999) e doutorado (2004) em antropologia social pelo Museu Nacional (UFRJ). Atualmente é professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. É membro do Conselho Deliberativo do NEAB/UFS.

É líder do Grupo de Pesquisa em Ciências da Religião e do Grupo de Pesquisa em Estudos Étnicos e Relações Interétnicas (GERTS), ambos da Universidade Federal de Sergipe.

Tem experiência na área de Letras, com atuação em linguística hispânica, socio-

linguística e dialetologia. Tem experiência também na área de antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia da religião, antropologia da morte, relações interétnicas, antropologia das populações africanas e afroamericanas com ênfase em Cuba, Haiti e Brasil.

Durante sua passagem por São Luís, em maio de 2010, para participar do I Encontro de Estudantes Africanos na Universidade Federal do Maranhão - UFMA como conferencista, o antropólogo Beninense Hippolyte Brice Sogbossi concedeu entrevista na qual recupera alguns aspectos históricos relacionados com a escravidão e o tráfico negro perpetrados por diferentes países da Europa que deixaram como herança inúmeros problemas até hoje enfrentados por muitos países africanos. Nessa recuperação histórica não só o problema da esca-

vidão colonial é enfatizado. O legado cultural africano decorrente da diáspora forçada, fundamental para a formação sociocultural de muitos países do continente americano, também é destacado pelo professor. Os conflitos e problemas decorrentes da descolonização ocorrida na maioria dos países do continente, na segunda metade do século XX, também são explorados. Nesse panorama histórico, que mistura tragédia social e herança cultural, pode-se ver, a partir da perspectiva do professor Hippolyte Brice Sogbossi, como o ontem, o hoje e o amanhã se apresentam para muitos países que integram o continente africano.

Benedito Souza Filho - Professor, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer o fato de o senhor ter aceito o convite para conceder esta entrevista, que na verdade não pretende ser uma entrevista em termos formais, mas sim uma conversa entre colegas acerca do universo histórico, social, cultural, político e econômico africano.

Professor, no dia 25 de maio de 1963, reuniram-se em Addis Abeba, na Etiópia, 32 chefes de estado para discutir e deliberar sobre a situação de dominação que o continente africano se encontrava há séculos. Enfrentar as formas de submissão inevitavelmente nos obriga a pensar processos históricos ocorridos na África que envolveram diversos países da Europa Ocidental. O tráfico negreiro é um dos principais. Outro seria o Tratado de Berlim, de 1885. O senhor poderia falar sobre esses dois processos e o que eles representaram para o continente africano em termos de consequências que se fazem sentir até os dias de hoje?

Hippolyte Brice Sogbossi - Eu agradeço também a oportunidade de poder falar

sobre o meu continente, o continente africano. Bom, esses dois processos, a escravidão e a conferência de Berlim, são dois processos concatenados, ligados historicamente. Com relação ao tráfico de escravos, o continente africano, - e vale a pena insistir aqui, que é um continente, que muitos acham que é um país, pelo fato de ter vários estados - tem 54 países e foi alvo dessa prática cruel que marcou a história da humanidade. Um dos holocaustos mais marcantes da humanidade! E se hoje encontramos manifestações, algumas atitudes e reações em relação ao holocausto judeu, o holocausto africano foi muito mais ...

Benedito - Intenso...

Hippolyte - Intenso! Adquiriu proporções maiores, o que marcou a humanidade para sempre. Os países africanos de hoje não eram países anteriormente, eram unidades político-administrativas tanto na sua dimensão mais reduzida, quanto na sua dimensão mais ampla. Quero dizer com dimensão mais reduzida, os reinos. O continente Africano estava constituído de reinos e de unidades administrativas mais amplas que eram os impérios. Nós conhecíamos a África através desses reinos e impérios. Os reinos representavam países, o que significa dizer que nós na África temos mais de 54 reinos, 54 países. Nós temos que entender o continente África nesse sentido.

Devido ao multiculturalismo, devido ao fato de que os grupos étnicos estavam sempre ligados a tipos humanos e a línguas faladas por esses tipos humanos, esse equilíbrio que nós tínhamos muito antes da chegada dos ocidentais, dos colonizadores e dos escravistas, foi de re-

pena destruído! O equilíbrio foi destruído, o que implicou, então, na captura e venda de escravos aos portugueses, ingleses e franceses durante séculos. Isso causou um enorme desequilíbrio também quanto a recursos humanos. Foram braços que foram arrancados da África pela força e levados para as Américas! Nós temos que entender também que isso significou somente uma porção dessa força humana que chegou às Américas. Houve também tráfico pelo oceano Índico, pois a Índia e vários outros países da Ásia também conheceram esse processo de imigração forçada.

A escravidão proporcionou um impacto tão grande, que quando alguém está desse lado do Atlântico e ouve falar da África, e sabe que os ancestrais, de uma maneira ou outra, procederam da África, isso causa muita comoção, de tal forma que um dirigente, um certo presidente desse lado do Atlântico, das Américas - e vale a pena citar o nome dele, o Fidel Castro - disse: "por mais branco que seja o cubano, por mais branco que seja o americano em geral, latino-americano, sempre, na árvore genealógica, tem um negro lá em cima". Isso quer dizer que o processo de constituição da nacionalidade latino-americana é um processo inteiramente ligado ao negro africano. Esse processo não foi um processo simples e de pouco tempo, foram vários séculos! O tráfico de escravos durou quatro séculos. Então isso não é algo que se pode esquecer facilmente. Nós não podemos esquecer. Não podemos nos esquecer disso, porque foram várias gerações, e essas gerações de certo modo civilizaram o Novo Mundo também. Não podemos ver esse processo numa dimensão unilateral. É uma dimensão bilateral, quer dizer, o europeu chegou às terras americanas, achou o índio, depois fez o tráfico de

escravos, trouxe o negro e os três constituíram a nacionalidade aqui nas Américas, além de outras nacionalidades que apareceram mais tarde. Então, não podemos falar das Américas sem pensar na África.

Como eu estava dizendo, esse processo de civilização das Américas por parte dos negros implicou na presença de determinados traços culturais, linguísticos, sociais, econômicos. Determinadas práticas, que são práticas positivas para o Novo Mundo, para o desenvolvimento de diferentes nações do Novo Mundo. Entre essas práticas nós podemos mencionar a religião. As religiões africanas têm uma presença notável no legado cultural americano, do continente americano em geral, incluindo o próprio Brasil...

Benedito - De norte a sul.

Hippolyte - De norte a sul. Do Chile à Patagônia...

Benedito - Estendendo-se ao Caribe...

Hippolyte - Exato! Estendendo-se ao Caribe. Também tem várias manifestações que nós vemos aqui nas Américas que demonstram que a presença africana, sem dúvida deixou a sua marca, digamos, o seu poder. Entre esses elementos temos a culinária. A comida feita em vários lugares das Américas, embora seja uma comida reelaborada, sempre tem um ingrediente, um sotaque, um traço africano. Nós podemos ver o caso do abará, do acarajé, do baião-de-dois, entre outros alimentos, sem negar a grande importância que teve a cultura indígena.

Benedito - E também dos ingredientes que são usados, porque existem muitas semelhanças.

Hippolyte - Existem muitas semelhanças entre os ingredientes.

Benedito - O quiabo , o amendoim, a banana...

Hippolyte - Bastante! Houve um “ajiaco”! como diz um cientista cubano chamado Fernando Ortiz. Houve uma mistura, um caldeirão de cultura. Quando nós entramos no âmbito da língua, fica muito mais evidente ainda. Falando dos países das Américas, temos o caso do Haiti, o caso do Brasil, o do Suriname. No Haiti, o *créole* tem uma base africana. A estrutura, a sequência das palavras do *créole* haitiano é uma sequência nigeriana, de línguas nigerianas, de *ewe-fon*. Quando eu digo: “Legba, abre a porta para mim!”, essa maneira de dizer: “abre a porta para mim!”, que poderia ser: “Abre-me a porta!” ou “Me abra a porta” ou “Me abre a porta”, essa posposição de determinados pronomes de forma complementar, por exemplo “para mim” é uma maneira africana de falar, porque a língua *ewe-fon*, por exemplo, diz: “*Legba, hun hon nu min*”, esse “*nu*” é para e “*min*” é mim! É a forma complementar do pronome pessoal.

Isso já se demonstrou com um trabalho sobre o Haiti. Eu pude comprovar isso também. No *crioulo* haitiano está presente o *ewe-fon*, por exemplo. Na Martinica também, o *crioulo* também tem essa estrutura. Como dizem alguns linguistas daqui do Brasil, o português falado no país também tem uma sequência no ordenamento da frase que pode nos induzir a pensar isso também, ou seja, nessa estrutura linguística oeste-africana. Sem falar ainda da lexicologia, de palavras como *mandinga*.

Eu estava falando outro dia, aí eu disse: *peessoas da etnia mandinga...* depois de fa-

lar algumas reações se produziram, porque pensavam que essa palavra *mandinga* era outra coisa, que era “*fazer bruxaria*”, “*fazer trabalho contra alguém*”, mas é o nome, de um grupo etnolinguístico, como *Wolof*, como *Ewe-fon*, *Ashanti...*

Benedito - Balanta...

Hippolyte - Balanta, entre outros. Temos palavras como por exemplo, *mugunzá*, que são de origem *bantu*. A palavra *angu*, que em *fon* se diz *agu*, em português conheceu essa nasalização e se transformou em *angu*. Então, nós podemos construir frases a partir dessas palavras: “embaixo desse *angu* tem caroço de dendê”, ou algo parecido. Quer dizer, nem sempre é o que alguém imagina que seja o que é. Alguém pode simular um determinado comportamento de uma boa pessoa, mas pode ser que não seja uma boa pessoa. Então, “*debairo desse angu tem muito caroço de dendê*”, significando algo que não se conhece. Então, esses são alguns dos impactos do tráfico de escravos. Em 1885, teve lugar em Berlim uma conferência que decidiu a partilha do continente. O continente africano até aquele momento era um bolo inteiro, e como um bolo inteiro...

Benedito - Deveria ser dividido.

Hippolyte - Deveria ser dividido. E as potências ocidentais se encarregaram de fazer essa divisão, de partilhar esse bolo. Cada uma dessas potências pegou a sua parte e com isso houve uma nova incursão no continente já com o interesse de administrar esses países porque, anteriormente, na época da escravidão, muitas vezes ocorriam negociações que os ocidentais faziam com os chefes locais relacionadas com o tráfico,

com a venda dos escravos. Dessa vez eles já fizeram uma incursão com o objetivo de colonizar o continente. Em relação a esse aspecto podemos dizer que ficaram fora dessa análise dois países: Libéria e Etiópia, que foram países que ficaram independentes bem antes dos anos 60, que eram os anos a partir dos quais os países africanos começaram a adquirir a sua independência.

Esse impacto da Conferência de Berlim se faz sentir até hoje. Em que sentido? Porque as ambições coloniais, neocoloniais continuaram. É um continente muito rico, que tem muitos recursos e esses recursos estão sendo explorados de maneira arbitrária, de uma maneira cruel, seja por meio de associação de países ou por meio de instituições internacionais manipuladas por determinados governos. Então o impacto se faz crescente. Por isso a questão da África ontem, hoje e amanhã não é uma questão que se possa separar de todos esses acontecimentos. Não podemos separar essa África de ontem da de hoje nem da do amanhã. Não é possível essa separação! Tudo está articulado, tudo está ligado.

Benedito - Professor, a África, desde o período do tráfico negreiro e, posteriormente, durante esse segundo processo de colonização no século XIX, sempre foi vista sob o olhar do interesse ou de uma perspectiva homogeneizadora, e não como lugar da diversidade cultural, da diversidade econômica e linguística como o senhor acabou de sublinhar, ou mesmo como continente capaz de superar as suas próprias contradições e adversidades. Como o senhor observa essa questão?

Hippolyte - A questão da integração africana e também a questão da influência que algumas potências exercem é uma

questão muito delicada, em vários sentidos. O primeiro diz respeito ao fato de que o processo neocolonizador ou neocolonizante não se diferenciou do processo colonizador. Não se diferenciam. Houve só uma mudança de liderança, digamos. Porque muitas vezes os colonizadores, eles se estabeleciam nos países que eles colonizavam, ou eles mandavam agentes para administrar, saquear, tirar os recursos dos países! É a mesma coisa, praticamente a mesma coisa. Nós temos que trabalhar na conscientização do próprio povo e dos nossos dirigentes, porque a partir das independências nos anos 1960, grande número de países africanos adquiriram a independência. Depois, em 1975, com o fim das colônias portuguesas, nós passamos do antigo dono para outro, mas a relação não se quebrou. Em muitos casos colocaram dirigentes nacionais no poder...

Benedito - Para controlá-los politicamente...

Hippolyte - Para controlá-los politicamente como se fossem marionetes. Então, o ex-colonizador está ainda atrás dessa cortina, manipulando. Os próprios dirigentes, pessoas com nomes e sobrenomes desses próprios países começaram a administrá-los.

Benedito - Como diz o Foucault, utilizando “novas tecnologias de poder”...

Hippolyte - Exatamente! (risos) Novas tecnologias de poder! Não houve uma integração desses dirigentes ao próprio país, quer dizer, eles são indiferentes aos interesses do próprio país. Foi isso que foi chamado de neocolonialismo. Não só aquelas antigas potências, que colonizaram o continente continuaram manipulando os dirigentes, mas também outras potências

se manifestaram e começaram a levar esse trabalho em conjunto.

Até hoje ocorre a disputa pelo poder. Muitas vezes é isso que acontece na África. Se a França está em missão pelo país, a Bélgica também faz a corte ao país, os Estados Unidos fazem a corte, a Inglaterra faz a corte prometendo ajuda, prometendo vários tipos de benefícios. Isso faz com que os próprios dirigentes se deixem levar e não é de estranhar que tem vários dirigentes africanos que têm dinheiro, que têm muitos recursos fora do país porque estão associados a esses antigos colonizadores, esses manipuladores que dilapidam os recursos dos países. Porque os países têm muitos recursos, tanto do primeiro setor quanto do segundo setor, mas não são bem administrados! É isso que faz com que o nosso continente, o continente africano, ainda sofra pela má administração desses recursos.

Benedito - Professor, o economista Joseph Inikory argumenta em seu trabalho "*La trata negrera en las economías atlánticas de 1451 a 1870*" que é possível medir, em termos econômicos, a riqueza acumulada pelos países da Europa Ocidental que se beneficiaram do comércio transatlântico de escravos, mas que era impossível medir as consequências de quatro séculos de escravidão moderna para a África. Como o senhor analisa essa questão, esse paradoxo colocado pelo professor Inikori?

Hippolyte - O professor Inikori tem razão. É um impacto moral, é um impacto que teve consequências graves, porque o material, aqui, tem menos importância do que o moral, o espiritual. Quer dizer, a destruição de famílias inteiras é um dos elementos que fazem com que a África vá continuar sofrendo, porque as lógicas de consti-

tuição das famílias africanas foi quebrada, uma lógica que não custa qualquer coisa, custa muito mais que... digamos...

Benedito - Riquezas materiais...

Hippolyte - Riquezas materiais! Então esses vínculos afetivos são muito importantes para recuperarmos a dignidade. Cada vez que eu vou de férias ao Benin, meu país de origem, eu vejo isso, eu sinto isso, porque quando eu digo que venho do Brasil, os nativos automaticamente dizem: "Ah, do país para onde venderam nossos antepassados"! Então eles sentem esse choque, que não se esquecem nunca.

Tem outros elementos nesse âmbito moral que são os elementos culturais, religiosos, principalmente religiosos. Se nós temos desse lado o *Candomblé*, a *Umbanda*, o *Batuque*, o *Tambor de Mina*, a *Santeria* em Cuba, o *Vodun* no Haiti, é porque temos uma maneira de conceber o mundo que se trasladou para outras partes do mundo, que conquistou outras partes do mundo, que civilizou o outro mundo. Esses elementos marcam para sempre a nossa identidade. Onde quer que se encontre alguma manifestação religiosa de presença africana, ou como dizem, *afro*, sempre teremos que prestar atenção ao rico legado deixado para o povo. Nesse sentido nos sentimos honrados, mas se lembrarmos dessa violência histórica, não faremos mais do que apoiar esse aspecto destacado pelo autor ao ressaltar que os desgastes espirituais, afetivos não se podem medir...

Benedito - Não se pode quantificar...

Hippolyte - Não se pode quantificar. Fazendo uma dicotomia entre o material e o espiritual, podemos dizer que para os afri-

canos vêm primeiro os elementos espirituais e depois os elementos materiais. Está tudo ligado!

Benedito - Professor, em 1963 foi criada a Organização da União Africana, que em 2002 se transformou em União Africana - UA. Qual a importância dessas organizações no sentido de assegurar, em primeiro lugar, autodeterminação dos países africanos e, em segundo lugar, buscar alternativas para superar seus problemas mais graves?

Hippolyte - As denominações já se impõem, de certa maneira. A Organização da Unidade Africana - OUA foi uma organização que nasceu depois da segunda Guerra Mundial. Com aquela efervescência da segunda Guerra Mundial e a criação da Organização das Nações Unidas - ONU - anteriormente a Sociedade das Nações - SDN, depois a ONU com seus estatutos, suas regras, seus princípios - a OUA nasceu também nesse âmbito, priorizando a questão da igualdade, da fraternidade, dos direitos humanos para todos os povos; a equidade, digamos, a igualdade para todos os povos! Foi justamente esse espírito de equidade que fez com que 32 chefes de estado africanos tomassem a iniciativa de criar essa organização, que se chamou Organização da Unidade Africana. Entre os seus objetivos, um me parece muito importante, que é o da não-ingêrência nos assuntos internos dos países, pois a OUA se inspirou nos princípios definidos pela ONU, no sentido de que o que acontece dentro de um país não podemos mexer...

Benedito - Interferir...

Hippolyte - Não podemos interferir. Eles têm razão em certo sentido, mas em outros

não. Foi o que descobriram porque esses anos de experiência com os estados africanos - vale insistir, com os países africanos - fez com que na época, entre 1963 e 1988, 1989 houvesse uma série de golpes de estado. Um presidente, às vezes era eleito e em 24 horas era deposto, ou às vezes eles iam para uma reunião da Unidade Africana e quando queriam voltar já tinham sido depostos. Então, às vezes, não conseguiam mesmo voltar para seus países e ficavam exilados e essa situação criava um constrangimento, uma frustração enorme! Com o tempo os chefes de estado foram estudando outras alternativas relacionadas com a constatação de que as potências ocidentais interferiam no processo de independência, no processo de construção da nacionalidade dos países africanos. Muitos se deram conta dessa interferência, então, atribuíram uma boa parte da culpa a essas potências e não necessariamente aos dirigentes que estavam no poder. Então, em 2001, o presidente da Líbia, Muammar Khaddafi, cuja execução cruel recente foi encomendada por potências ocidentais, principalmente pelo imperialismo francês, teve a iniciativa de propor a criação de uma União Africana, que seria mais ou menos os Estados Unidos da África. Os estados tinham que se unir e a iniciativa foi aplaudida, foi aceita pelos chefes de estado e, então se implantou em 2002 a União Africana.

A União Africana tem um objetivo - entre outros - que é o principal, e que é muito importante: que é intervir agora nos assuntos internos dos países. Intervir com boa intenção e não com má intenção, ou seja, encorajar a diplomacia, encorajar a aproximação dos países. Se nós temos alguns problemas climáticos em certos lugares da África, como na Somália,

em parte da Etiópia, nós temos que buscar meios para poder melhorar a situação desses países...

Benedito - Superar as adversidades...

Hippolyte - Superar as adversidades, superar essa questão climática! Então, eu acho que foi uma boa iniciativa passar da OUA para UA. União Africana é uma maneira de lutar contra a hegemonia ocidental que continua até hoje. É uma maneira de lutar contra isso. Não foram conseguidos resultados ainda, mas eu acredito que, paulatinamente, esses resultados positivos irão ser alcançados.

Benedito - Professor, em 1999, foi realizada na Nigéria - o senhor mencionou na sua palestra - uma reunião na qual se levantava a necessidade de criação de uma espécie de Banco Africano, no sentido de tratar das questões econômicas de interesse dos países africanos. Essa iniciativa pode ser entendida como um passo em direção à construção de um bloco econômico que defenda os interesses dos diferentes países do continente, semelhante ao que existe na Europa e no continente americano?

Hippolyte - Em 1999, na Nigéria, foi proposta a criação de um banco, no sentido de resistir também aos processos globalizantes, como por exemplo, às pressões de bancos, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional - FMI, que impõem regras que são muito severas...

Benedito - Muito duras...

Hippolyte - Muito duras! Porque se o país africano consegue o "benefício" de determinados fundos, na hora de pagar, paga

5, 6 vezes mais. Às vezes começa a pagar os juros antes de pagar a própria dívida. É uma problemática muito séria que faz com que o continente fique mais pobre ainda, apesar de ter tantos recursos. Faz com que o continente seja explorado mais ainda por algumas potências estrangeiras - que não se menciona muito, contudo, existe - como a Noruega, que explora petróleo em vários lugares da África. Um dos casos mais gritantes é o do Benin, no qual o petróleo foi explorado durante uma dezena de anos ou mais, para proveito, para benefício da Noruega. Isso cria um desequilíbrio econômico tremendo porque nós mesmos não somos chamados a administrar a nossa própria economia, os nossos próprios recursos. Então, essa ideia de um banco para a União Africana é uma ideia positiva, é uma ideia que pode fazer com que a África consiga encontrar alternativas para os países através da sua própria união.

Um dos lemas da União Africana é a democracia. A questão da paz também é outra preocupação dos países, que têm tudo para se unir em torno desses objetivos. E, nesse caso, a criação de um banco como esse, que é projetado para 2025, pode contribuir para isso. Obviamente vai ter todo um processo de diplomacia para poder conseguir esse objetivo de criar esse banco até 2025 para ver se conseguimos determinadas vantagens a partir dele.

Benedito - Professor, o senhor falou também na sua palestra sobre os processos de neocolonialismo, que é difícil pensar o que foi a África no passado, o que é a África no presente, o que será a África no futuro sem levar em consideração todo esse processo histórico experimentado pelo continente africano a partir da presença, sobretudo da Europa Ocidental. Eu gostaria de colocar duas questões: a primeira diz respeito

à presença militar - o senhor mencionou o caso da França, os conflitos em Darfur e na Somália - e a segunda refere-se à religião. Falo em religião, porque a professora Marion Aubrée, da École de Hautes Études en Sciences Sociales, dizia que o Brasil historicamente foi um país importador de religiões e que estava vivendo um processo de exportar religiões. Ela falava especificamente da Igreja Universal do Reino de Deus, que depois de ter marcado a sua presença na Europa, estava se dirigindo para outros lugares. Em relação a esses aspectos da intervenção militar e da chegada de novas religiões, como eles se manifestam na África?

Hippolyte - Com relação à intervenção militar da França, ficou claro que a França continua até hoje com tropas e passa pelos países como se fossem território francês. As tropas passam em caminhões pelo Benin e Burkina Faso, tranquilamente. Passam também sem problemas para a Costa do Marfim, porque é um *front*, é área de conflito. Então, essas intervenções arbitrárias consolidam a potência, o poder francês.

Com relação à questão da exportação de religiões, eu vejo que é lógico afirmar que o Brasil importou várias religiões, porque, na verdade, a essência da nacionalidade brasileira e da religiosidade brasileira passa por aí. Nós falamos em kardecismo, falamos em religiões afro-americanas, falamos na Igreja Católica, falamos em outros desdobramos religiosos, mas a questão da Igreja Universal do Reino de Deus foi e ainda continua sendo uma questão candente. A *Igreja Universal do Reino de Deus* está em vários países da África. Nós assistimos a reportagens sobre a presença dessa Igreja na África do Sul, Zimbábue, Tanzânia, Quênia. Então essa Igreja

está espalhada por vários lugares da África e isso tem certa conotação ideologizante, digamos, e uma conotação política também, porque a *Igreja Universal*, quanto mais espaço ocupa mais consegue persuadir as populações locais. O que acontece nas distintas nacionalidades africanas é que em diferentes países essa Igreja Universal é acolhida. Agora se manifestam também determinadas reações contra essa Igreja, de maneira às vezes dissimulada, outras de forma declarada.

Com relação ao Benin a *Igreja Universal do Reino de Deus* ainda não chegou, mas a *Igreja Internacional da Graça de Deus* já está trilhando o caminho, justamente para combater as religiões nacionais. Eu acredito que a religião emergente do Benin, que é o Cristianismo Celeste é que está conquistando espaço. Então a *Igreja Universal* terá muitas dificuldades para entrar no Benin.

Eu desconheço o desenvolvimento dos últimos anos, mas eu não acredito que a *Igreja Universal* tenha chegado a um país como o Benin, mas está em muitos países africanos. Eu acho que, em certo sentido, é positivo para os próprios religiosos, que eles podem ter mais adeptos para combater as religiões locais, e isso é um aspecto negativo, porque nem tudo que se almeja é atingido da maneira mais honesta possível, da maneira mais tranquila, mais pacífica possível e isso poderá suscitar determinadas reações no futuro naqueles países que acolheram a *Igreja Universal*.

Benedito - O senhor falou que um dos princípios que orientam a União Africana seria a cultura da paz. A presença de outras religiões não criaria espaços para a desestabilização social, cultural, a ponto de comprometer essa cultura da paz tão desejada na África?

Hippolyte - Essa é mais uma questão que desperta interesse. Como disse a professora Maria Lourdes Siqueira, o fato de existir a diversidade religiosa não impede certa coerência entre os povos africanos. Nós temos católicos que estão bem conscientes do fato de que a nossa religião é milenar. O *Vodun* beninense é uma religião milenar, é uma religião de muito tempo e ainda continua viva. Por mais que alguém seja católico, seja muçulmano, seja de uma igreja evangélica no Benin atual, ele sempre lembrará que o *Vodun* é a religião nacional do Benin, que nasceu no próprio país, que não foi importada.

Abro um parêntese aqui para falar do *Vodun* haitiano, que é uma derivação, uma transculturação das religiões africanas, entre elas, o *Vodun* beninense. Nós temos laços muito importantes com o Haiti. O haitiano se parece fisicamente com o beninense. Ele tem na sua bandeira, na sua história, essa maneira de reverenciar o Daomé, que não é um país de traidores, de pessoas traiçoeiras. No que tange à bravura do povo haitiano, ao fato de ser um povo guerreiro, eles têm muito orgulho de serem descendentes de Daomeanos.

No Haiti tem católicos, monsenhores, bispos, arcebispos, mas eles estão conscientes disso também: de que o *Vodun* é a religião nacional. No caso do Benin, isso não cria conflito. Nós tivemos um cardeal, o cardeal Bernardin Gantin que assessorou o papa João Paulo II durante mais de 30 anos (inclusive ele foi nomeado cardeal na época em que o próprio João Paulo II era também cardeal). Bernardin Gantin visitava vários países, conheceu o Brasil, sabia que no Brasil existiam pedaços da África presente, visitava autoridades religiosas do candomblé, praticantes do candomblé (visitava, porque ele já faleceu).

O maior cardeal africano de todos os tempos reconheceu isso e quando ele voltava ao Benin, ele voltava ao povoado dele e cumprimentava os chefes dos cultos, mas ele era um cardeal, um alto funcionário do Vaticano. Então, nas próprias manifestações musicais do país, nós sempre estamos reverenciando o *Vodun*, pedindo, às vezes, autorização para “folclorizar” o *Vodun*, para dançar o *Vodun*, mas sempre com autorização, porque é um respeito que não se apaga, não termina. Que o diga Alekpehanhou, o nosso rei da Música, o nosso Roberto Carlos. Tem esse princípio de *cou-pure*, como diz Roger Bastide, esse princípio de corte, de quando nós estamos em determinado âmbito e nos adaptamos a esse âmbito para depois podermos voltar à nossa própria posição.

Benedito - Professor, verificamos que desde a escravidão moderna, passando pelo segundo momento de colonização no século XIX, envolvendo todo o processo de independência e pós-independência dos países africanos nas décadas de 60 e 70, a África foi vista negativamente, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista econômico, político e cultural. No século XXI, pode-se falar em processos de posituação da África, a partir desses mesmos aspectos: social, político, econômico e cultural?

Hippolyte - Os aspectos efetivamente são vários e percebemos que estão articulados. Falamos às vezes de sócio-político-cultural, político-cultural porque identificamos vínculos entre eles. A atenção despertada pelo continente africano nos últimos anos faz com que esse século, o século XXI, seja um século de revalorização da cultura africana, do continente africano sob vários aspectos. Existem iniciativas de agrupa-

mentos de países para formar frentes (e o Brasil desempenha uma função primorosa), e isso faz com que se verifique alguma mudança no equilíbrio das relações internacionais. Vários países africanos como o Gabão e a Nigéria têm o direito de votar em órgãos decisivos como a ONU. O Benin e o Brasil também têm participado. O fato de dar importância à participação desses países para terem força na Organização das Nações Unidas também consolida esse fato de que queremos uma África melhor amanhã. Em relação a isso posso afirmar que o Brasil se aproximou muito da África nesses últimos anos e espero que continue porque o Brasil criou incentivos para fazer pesquisas na África, para desenvolver projetos de cooperação...

Benedito - Intercâmbios...

Hippolyte - Intercâmbios! E isso se reforçou muito mais. O Brasil é o país que atualmente, na arena internacional, tem se destacado e isso pode contribuir para que a África seja mais valorizada. Eu digo isso porque países como a China têm algumas ambições na África. Está ajudando a desenvolver a economia, mas ao mesmo tempo, está desenvolvendo uma série de interesses, como por exemplo, a fabricação de carros, de vans, de carros luxuosos em vários países africanos. O Japão também. Então, esses países, ao mesmo tempo que desenvolvem seus negócios estão colaborando com o aspecto econômico. Então a África entrou muito bem no processo globalizador e eu acho que não é por pouco tempo. Os interesses vão continuar positivos.

Benedito - Professor, para finalizar, o senhor acabou de falar da importância da entrada da África nesse novo cenário, nessa

nova história de reconhecimento nacional e internacional. Eu perguntaria ao senhor sobre o papel que os intelectuais têm nesse processo, colocando a seguinte questão: o Brasil tem recebido em suas universidades jovens estudantes africanos de diferentes nacionalidades. Como o senhor vê esse movimento de qualificação profissional desses jovens africanos nesse projeto de futuro da África?

Hippolyte - Vejo isso como muito positivo por uma razão bem simples: o Brasil desenvolve essa política de formação de quadros africanos e isso é um eco do que vinha sendo realizado por outros países, como Cuba, por exemplo. Cuba desenvolveu, e continua desenvolvendo um processo de formação de quadros africanos, em termos de uma política internacionalista. O Brasil também empreendeu sincronia de maneira muito eficiente e também considerando suas próprias necessidades nacionais. Se no caso dos estudantes de graduação o Brasil não tem custos suficientes para poder cobrir todos os gastos, com relação aos estudantes de pós-graduação, o Brasil garante bolsa pra todos, porque o Brasil acha que a formação de intelectuais de alto nível é fundamental para o continente africano e, ao mesmo tempo, o país quer aprender com esses altos intelectuais muitas coisas que particularizam a África. Um exemplo é o intercâmbio de médicos. Temos médicos africanos aqui também no Brasil, na Amazônia, ensinando sobre como cuidar da malária. Esse seria um dos interesses do maior país das Américas. E dos países africanos os interesses são vários: temos essa formação intelectual, temos também as tecnologias que o Brasil desenvolve com o etanol, o gás, a questão da gasolina, principalmente

do etanol. É uma conquista do Brasil, o fato de ter o etanol como combustível bem econômico feito à base de cana. Os países africanos querem aprender e querem botar esse combustível em veículos adaptados, porque é muito econômico e, ao mesmo tempo eles querem aprender essas novas tecnologias para poder desenvolver as economias nacionais.

Existe uma série de intercâmbios entre o Brasil e a África que continuam sendo desenvolvidos, como por exemplo a parceria com a Nigéria para a perfuração de poços de petróleo. Tem também a exploração da madeira, já que muitos países africanos exploram a madeira, o couro, o carvão. Então são vários interesses em jogo e que, sem dúvida, vão contribuir para o autodesenvolvimento de cada um desses países, ou de cada uma dessas partes: do Brasil e do continente africano. É uma estratégia muito positiva e eu acredito que dure muito tempo.

Benedito - Professor, muito obrigado por ter concedido esta entrevista. Ela nos deu a oportunidade de conhecer algo mais sobre a África.

Hippolyte - Obrigado por ter tido essa oportunidade de falar.

NOTA SOBRE O AUTOR

Benedito Souza Filho é doutor em Antropologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, professor do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e líder do Grupo de Estudos Rurais e Urbanos (GERUR), da Universidade Federal do Maranhão.

Recebido em: 04.04.12

Aprovado em: 04.05.12